

# Os poetas escolhem o poeta

Antônio Ramos Rosa

Penso que o primeiro verso que li de Fernando Pessoa é um dos mais fascinantes da sua obra e de toda a poesia portuguesa: «Vem, Noite, Antiquíssima e Idêntica». Li-o numa citação de um artigo da *Seara Nova* há mais de quarenta anos. Sonhei vários anos o que seria o poema completo e esse sonho foi um dos mais belos que tive na minha vida. A leitura do poema completo, que viria a fazer alguns anos mais tarde, não desiludiria a minha expectativa, mas esse primeiro verso autonomizou-se e ficou sendo, pelo menos para mim, um dos mais fascinantes poemas de Fernando Pessoa.

São muitos os poemas de Fernando Pessoa que admiro apaixonadamente e não seria verdadeiro se destacasse um dos seus poemas como o que mais me impressionou. Citarei, portanto, alguns dos seus poemas que mais me apaixonam.

Na obra de Fernando Pessoa ele mesmo, há poemas breves que admiro muito, como, por exemplo aquele que contém esta quadra, que, na sua simplicidade, condensa a experiência trágica que se patenteia em toda a obra de Pessoa: «Sol nulo dos dias vãos/ cheios de lida e de calma/ aquece ao menos as mãos/ a quem não entras na alma.» Em todos estes poemas há uma extrema fluência e uma atenção ao que há de mais subtil e imponderável, dificilmente excedível.

Um dos poemas mais extraordinários de Alberto Caeiro é o «Oitavo Poema do Guardador de Rebanhos» (que começa por: «Num meio-dia de primavera/ tive um sonho como uma fotografia,/ Vi Jesus Cristo descer à terra.») Considero este poema, com toda a sua irreverência sacrílega, a mais graciosa homenagem que jamais se fez à figura do menino Jesus. É um poema único que talvez não tenha correspondência em nenhuma outra literatura.

Inevitavelmente, a «Ode Marítima» impressionar-me-ia como um dos momentos mais intensos e explosivos da obra de Pessoa. Nunca ninguém foi tão longe na violência aberta de uma pulsão que é um movimento para sair de si e aderir totalmente ao Outro. Também na «Ode Triunfal» se encontra esta mesma frenética tentativa de aderir ao Outro.

Citarei ainda outros poemas que admiro muito: «Tabacaria», «Poema em Linha Recta», «Ah Perante Esta Única Realidade que É o Mistério», «Se Te Queres Matar Porque Não Te Queres Matar» e o «Primeiro Fausto». Em todos eles se patenteia o sentido trágico da vida, a mesma intensa negatividade que Pessoa levou ao extremo, numa coerência total.

Eugénio de Andrade

Tinha dezasseis anos quando ouvi a «Ode Marítima»; foi uma impressão muito grande, que ainda não esqueci. Havia ali uma histeria quase verbal que me tocou profundamente. Era o desmanchar formal de toda a poesia que até então tinha lido. Nessa altura o nosso leque de leituras de poesia, sobretudo estrangeira, era muito estreito, eu ainda não tinha lido Walt Whitman, por exemplo... Era o verso livre que entrava por mim dentro. Nessa altura justificava-se o entusiasmo, hoje não se justifica tanto... As centenas de inéditos foram diminuindo o relevo das coisas publicadas por Pessoa, porque não adiantam em nada à obra.

David Mourão-Ferreira

O poema de Fernando Pessoa que desde há muito, mais entranhadamente me impressionou, é sem dúvida aquele de Álvaro de Campos que assim principia: «Se te queres matar, porque não te queres matar?» Não há, quanto a mim, entre os inúmeros textos (demasiados?) que Pessoa escreveu, outro que se mostre comparável a este em matéria de vertiginosa «abertura» sobre o nada de tudo, ou o tudo do nada, quer em termos de arrebatadora ascensão do psíquico até ao cósmico, do social ao metafísico, do quotidiano ao transcendental. Que bom seria para a existência de cada um de nós se escrupulosamente enfiássemos até aos artelhos, ao menos uma vez por dia, aquela oportuna carapaça do «Ó sombra fútil chamada gente!»

*Eles e ele. Em 1985, palavras que cruzam com palavras. Goste-se ou não, Pessoa é uma presença constante na escrita e no imaginário português do século que corre.*

Pedro Tamen

Utilizei o critério de escolher o primeiro poema que mais me impressionou: foi o oitavo poema de «O Guardador de Rebanhos». Era a primeira vez que encontrava o sagrado quotidianizado e o banal sacralizado. E, a nível formal, havia uma liberdade de mexer com a língua, a que não estava habituado. Na altura, era muito jovem, ainda não tinha passado do Cesário Verde...

Manuel Alegre

«Tabacaria» foi o poema que com mais nitidez me revelou o sentido transitório de todas as coisas, incluindo a poesia e a própria língua.

Nuno Júdice

Todos os poemas de Álvaro de Campos, muito especialmente o «Soneto Já Antigo». Por um lado, sinto um fascínio pela sexualidade ambígua que ali se encontra, mas, mais do que a imagem do rapaz, mais do que o traço homossexual, impressiona-me a referência à Daisy e à Cecily, o não saber o que são ou foram essas mulheres ou raparigas. Pelo mistério, pelo triângulo amoroso, este é mais um dos enigmas de Pessoa.

Isabel de Sá

Encontro no poema «Tabacaria», de Álvaro de Campos, a lucidez absoluta, a consciência da inutilidade da vida e da arte. Cada ser é o seu próprio universo. Caminhar em si e nada mais encontrar do que o vazio, concluir que tudo é vago, inútil, que a vida do poeta é uma entre a multidão. Enfrentar a morte e ter vergonha de ser tão frágil.

Num quotidiano organizado, sórdido e medíocre, Fernando Pessoa, poeta genial, elevou a vida à surpresa da arte: «Quando quis tirar a máscara, / Estava pegada à cara. / Quando a tirei e me vi ao espelho, / Já tinha envelhecido.»

Jorge de Sousa Braga

Há alguns anos atrás (deveria ter doze ou treze anos) abri por curiosidade uma edição em papel de bíblia da obra completa de Fernando Pessoa que o acaso colocara nas minhas mãos. Desde aí, fiquei apaixonado pelo «Soneto Já Antigo».

Só mais tarde voltei à poesia de Fernando Pessoa e a minha paixão pelo seu heterónimo Álvaro de Campos não tem parado de crescer. Esse soneto (que é dos poucos poemas que sei de cor) foi resistindo às sucessivas leituras e eu fui-me identificando cada vez mais com aquele rapazito de York e entretendo-me a imaginar os seus encontros fortuitos com esse engenheiro naval que tudo o que sabia era construir grandes transatlânticos de papel.

Maria Teresa Horta

Não gosto da poesia de Fernando Pessoa. Nunca gostei. E cada vez gosto menos.

Portanto é-me difícil escolher um poema determinado de que goste menos (ou mais...) dentro de uma obra que poderei mesmo dizer que detesto igualmente: pela sua misogenia, pela sua esterilidade, pela sua aridez.

Sem corpo.

Uma poesia sem corpo sexuado. Sem qualquer chama.

Paixão.

Uma paixão sem vertigem nem loucura.

Não estou a dizer que Fernando Pessoa não tenha talento. Sem dúvida que ele é um poeta-manga-de-alpaca com talento. Mas é exactamente isso que eu mais abomino nele: esse talento mesquinho e «desarborizado».

Além do mais, moralista.

De um conservadorismo, de um reaccionarismo que recuso.

(recolha de depoimentos de Inês Pedrosa)